

**Contra a agressão externa**

# Resistência popular cresce na Zambézia

22-11-86

• **Dez mil pessoas armadas com zagaiaias**

por Gil Lauriciano, da AIM

**A participação das populações no combate aos bandidos armados na província da Zambézia está a crescer à medida do aumento da agressão sul-africana, via Malawi.**

Homens, mulheres e jovens, organizados em grupos de vigilância — colaboradores voluntários das Forças de Defesa e Segurança — utilizam todos os recursos disponíveis para, com as Forças Armadas, fazerem frente aos bandidos, cuja infiltração massiva, a partir do Malawi, as populações fronteiriças continuam a testemunhar.

«Na luta contra o banditismo armado nem todos podemos possuir canhões e morteiros pessoais. Não é possível ter isso. Devemo-nos mobilizar com todos os meios possíveis. Incluindo armas brancas», disse o governador da Zambézia, Feliciano Gundana, quando falava recentemente num comício no distrito de Pebane.

Manuel Ferramenta, membro do Partido Frelimo, contou à AIM que a adesão das populações à luta contra os bandidos armados cresceu nos últimos tempos. «As próprias acções dos bandidos é que constituíram o factor mobilizador das populações para a luta», disse, acrescentando que «o bandido é sempre bandido. Quando chegaram aqui andavam a dizer que eles não matavam as pessoas que rezam, mas sim aquelas que participam nas reuniões da Frelimo. A população, como tinha medo de morrer, começou a construir e frequentar igrejas».

Segundo Manuel Ferramenta, as coisas não tardaram a mudar. «Passado algum tempo, eles começaram a queimar igrejas com pessoas lá dentro e alguns padres que não tivessem comida para lhes dar foram «chamboqueados». As pessoas começaram a perceber que a alternativa era o combate certado contra os criminosos».

Estima-se em dez mil o número

de pessoas desta província já armadas com zagaiaias, flechas e outras armas tradicionais, enquanto que mais de 50 por cento da população recebeu ensinamentos militares rudimentares.

Na Escola Secundária de Mulikela, no distrito do Ilé, alunos e professores estão a receber preparação militar para defenderem a escola.

No distrito de Maganja da Costa, sul da província, o comandante «Manhoso», um antigo guerrilheiro da FRELIMO, comanda um grupo de cerca de 300 homens. Este «exército», equipado apenas com seis armas de fogo e zagaiaias temperadas com veneno, já recuperou centenas de pessoas do cativo, para além de ter capturado vários bandidos e seus colaboradores directos.

Na manhã do dia 21 de Setembro, os homens do comandante «Manhoso» regressaram à sede do distrito com um «mambo» (colaborador dos bandidos). Os grupos de vigilância haviam ido buscar este «mambo» durante a noite a Diba, um círculo seriamente afectado pelo banditismo desde 1982 e, segundo o comandante, ele havia sido visto pelas populações a conduzir um grupo de bandidos que fora queimar uma aldeia semanas antes num círculo próximo. Com este «mambo», os grupos de vigilância trouxeram mais cinco pessoas que tinham sido raptadas pelos bandidos.

Durante os oito dias que fiquei em Maganja da Costa, vi diversas vezes concentrações diárias de dezenas de pessoas na sede dos grupos de vigilância, voluntariando-se para integrar os «esquadrões» que iriam trabalhar durante a noite.

«Desde os princípios deste ano que optámos por esta experiência

de fazer guerrilha», disse o comandante. «A verdade é que esta experiência está a dar bons resultados».

Após um trabalho de reconhecimento cuidadoso, os homens do «Manhoso» dirigem-se a uma zona do inimigo onde desencadeiam acções dirigidas principalmente no sentido de prenderem bandidos e seus colaboradores e libertarem populações cativas.

Segundo o administrador do distrito, Gabriel Zucule, as acções do grupo de vigilância têm «desestabilizado» os bandidos em todo o lugar onde se encontram, reduzindo-lhe consideravelmente a «iniciativa de nos atacar».

No Ilé, distrito a norte da província, o velho Mário Elmue, de 55 anos de idade, disse que tinha cerca de 100 vigilantes espalhados por toda a localidade de Namanda, patrulhando aldeias e estradas.

Severino Mukhutueliua, administrador do distrito de Namarró, contou que o trabalho desenvolvido pelos grupos de vigilância, durante confrontação que tiveram com os bandidos em princípios de Outubro, «foi muito bom. Se todos estivessem armados com armas de fogo, acho que o bandido não teria nenhum sucesso».

As organizações democráticas de massas e antigos combatentes mobilizam cada vez mais as populações a desafiarem a destruição que os bandidos provocam contra escolas, maternidades, cooperativas e outras infra-estruturas.

A cooperativa agrícola Nahe-1, em Maganja da Costa, já foi transferida três vezes, devido às acções dos bandidos, mas o número de cooperativistas subiu de 63, em 1985, para 110, hoje. Os camponeses do Círculo Gentivo, no mesmo distrito, reconstruíram, pela quarta vez, no mesmo local, o seu posto de saúde, sempre incendiado pelos bandidos.